

BEATRIZ MILHAZES

Por Waldick Jatobá



Acima:
Modinha, 2007
Acrílico sobre tela
159 x 298 cm
Foto: Fausto Fleury
Cortesia Galeria Fortes Vilaça, São Paulo

Na página ao lado:
“Senhorita com seus Bichinhos de
Estimação”, 1993
técnica mista sobre tela
192 x 208 cm

No final da década de 90, eu estava morando em Nova York e foi lá, durante as minhas andanças pelas galerias do Chelsea, que me deparei com as obras de Beatriz Milhazes. Como não poderia deixar de ser, o que primeiro me chamou a atenção foram as cores e a forma com que ela as trabalhava – principalmente porque Beatriz estava saindo das suas primeiras expressões com anjos e colunas, das paletas puxadas para o preto, branco e cinza, e começava a partir para a linha das mandalas, das flores e frutas.

Fiquei impressionado com as obras da artista, que eu descobri ser brasileira, pela sua intensidade e o equilíbrio entre as cores, recorrentes em todas as suas telas. Nunca há excesso ou exageros, tudo ali está muito bem colocado e ponderado.

Ainda não havia tido nenhum contato pessoal com a artista, até que voltei de mudança ao Rio de Janeiro e fui apresentado a ela através de amigos em comum, por volta do ano 2000. Desde então estabelecemos uma grande amizade e

gradualmente passei de apreciador do seu trabalho a amigo pessoal e, em seguida, a colecionador de suas obras.

Tenho esta particularidade, de procurar sempre conhecer pessoalmente os artistas antes de adquirir uma de suas obras. Com Beatriz este processo foi mais intenso, pois nos tornamos amigos e, além de começar a colecionar suas obras, pude entender melhor o seu trabalho, que vai além de simplesmente pintar. Ela planeja, desenvolve todo um estudo que vai dos plásticos até às telas, colocando os elementos certos nos lugares certos, escondendo ou destacando determinada imagem ou camada. Com o tempo, fui me apaixonando cada vez mais pelo seu trabalho e pelo ser humano que ela é. Mais do que uma grande amiga, considero Beatriz Milhazes uma das melhores artistas plásticas da atualidade.

CORES E ELEMENTOS

Em um primeiro momento, o que atrai o olhar às telas de Beatriz é a diversidade das cores. Mas o colecionador, o estudioso ou os curadores que acompanham a sua trajetória conseguem ir além e perceber, nos elementos que ela cultiva em suas telas, as expressões que a artista deseja transmitir.

Foi com base na repetição de alguns destes elementos que o Adriano Pedrosa desenvolveu um excelente trabalho, há alguns anos, para a exposição “Mares do Sul” do CCBB do Rio de Janeiro. Além de curador da exposição, ele também criou uma espécie de “glossário”, onde explica as recorrentes aparições do caju, das contas e ondas, das flores e do símbolo

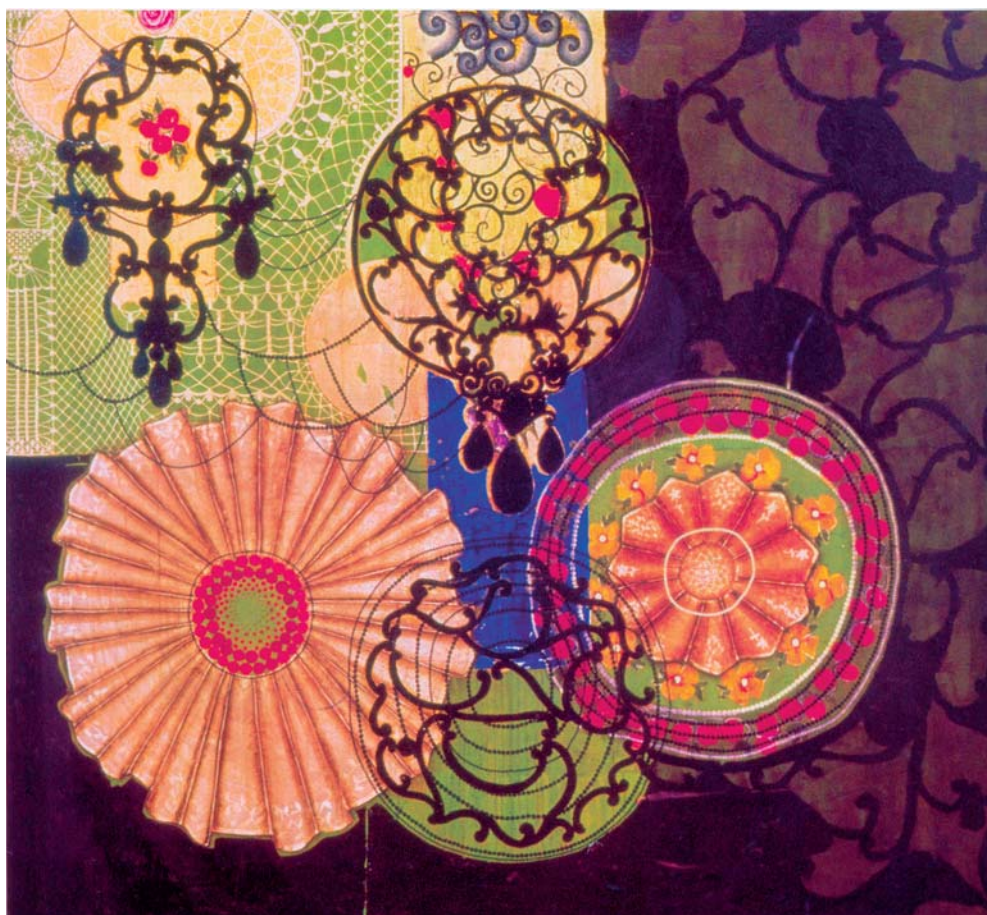
da paz, entre outros, e que se tornou uma rica fonte de aprendizado para aqueles que querem mergulhar no universo de Beatriz Milhazes.

À medida que você acompanha a performance da artista, percebe que ela coloca nas telas suas relações e inspirações – seja o Rio de Janeiro, a música popular brasileira (notadamente Noel Rosa e Tom Jobim), os contrapontos entre o barroco e o carnaval. Longe de ser uma foliã, Beatriz observa o desenrolar das cores pela avenida, a evolução e a harmonia das cores, colocadas simetricamente de forma a não “despencar” o conjunto visual, como ela mesma costuma falar quando se perde um trabalho pelo excesso de cores e elementos.

Ao reparar com atenção, identificamos estas referências e vemos que não há uma mera sobreposição delas, mas várias camadas que escondem ou evidenciam cada ícone. E mesmo fora do País estas referências – sejam elas uma fruta tropical como o caju, os bordados ou arabescos, as cores e o calor das telas – remetem ao Brasil.

BEATRIZ NO MUNDO

Beatriz faz parte do grupo de artistas chamado Geração 80, ao lado de Adriana Varejão, Ernesto Neto, Rosângela Rennó e outros que, graças ao esforço brilhante





Pipoca moderna, 2006
Acrílico sobre tela, 220 x 110 cm
Foto: Fausto Fleury /
Cortesia Galeria Fortes Vilaça,
São Paulo

e a visão de Marcantonio Vilaça, alcançaram projeção e colocação internacional. Claro que, sem os respectivos talentos, de nada valeriam os esforços de Marcantonio, mas é preciso reafirmar o seu pioneirismo, determinante para levar a arte contemporânea brasileira ao mercado estrangeiro.

A base do sucesso de Beatriz, na minha opinião, é o seu profissionalismo e a sua disciplina – com os horários, a sua produção, as exposições das quais ela participa. Há uma preocupação muito grande em fazer um excelente trabalho, o que demonstra o seu comprometimento com seu público, sejam eles admiradores, colecionadores, galeristas ou curadores.

Hoje as suas obras estão em coleções particulares e museus do mundo todo e vêm ganhando cada vez mais destaque e importância. O fato de haver pouca quantidade de telas faz com que a disputa por elas seja acirrada. Prova disso é o leilão recente onde Eduardo Constantin deu um lance de mais de um milhão de dólares e levou uma destas obras para o Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (MALBA). Isso a torna a artista brasileira viva que conseguiu o maior preço em um leilão de arte contemporânea.

ALEGRIA DE UJIVER

Eu tenho a sorte de ser amigo de muitos artistas e raros são os trabalhos que eu compro por impulso, antes de conhecer o seu criador. Mas esta relação de amizade está separada da minha relação colecionador-artista.

Tenho um carinho muito especial por todas as obras da minha coleção. Da Beatriz, por exemplo, tenho dois prints, uma colagem e uma pequena tela, que foge um pouco dos padrões da artista. Esperei por ela por dois anos, é a minha preferida. Aliás, se me perguntassem quais os trabalhos dela que eu mais gosto, diria que são os meus!

Por acompanhar de perto a trajetória da Beatriz, sempre considero o seu último trabalho o mais importante. No momento estou vibrando com o que ela vai desenvolver para a Fundação Cartier, em Paris. Será uma belíssima exposição, que reunirá trabalhos expressivos hoje espalhados em coleções do mundo todo. Além disso, ela vai desenvolver um trabalho interessantíssimo nos vidros do prédio da Fundação, usando técnicas e cores diferentes, sobretudo o dourado. Mal posso esperar pelo resultado.

Mais do que admiração pela artista e seu trabalho, valorizo Beatriz Milhazes pelo ser humano especial que é. Além de uma artista de valor incontestável, ela é uma pessoa feliz com a vida, uma mulher bem-resolvida que não deixou se levar pela sua posição de destaque e permanece amável e atenciosa. Seu prazer em viver é contagiante e é esta força que ela empresta às suas telas!